

ATA DA 005ª SESSÃO ESPECIAL DA
1ª SESSÃO LEGISLATIVA DA 18ª LEGISLATURA
REALIZADA EM 30 DE MARÇO DE 2015, EM
COMEMORAÇÃO À CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2015
PRESIDÊNCIA DO SENHOR DEPUTADO GELSON MERISIO

O SR. PRESIDENTE (Deputado Gelson Merisio) -
Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a
presente sessão especial.

Convido para compor a mesa as excelentíssimas
autoridades que serão nominadas a seguir:

Excelentíssimo senhor deputado Padre Pedro
Baldissera, segundo-secretário da Assembleia
Legislativa de Santa Catarina;

(Palmas)

Excelentíssimo reverendíssimo dom Wilson Tadeu
Jönck, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis;

(Palmas)

Senhor professor doutor Armando de Melo
Lisboa, chefe do departamento de Economia e
Relações Internacionais da Universidade Federal de
Santa Catarina;

(Palmas)

Reverendo padre Vitor Feller, vigário-geral da
Arquidiocese de Florianópolis e diretor da
Faculdade Católica de Santa Catarina - Facasc.

(Palmas)

Excelentíssimas autoridades, senhoras e
senhores, a presente sessão em comemoração à
Campanha da Fraternidade de 2015 foi convocada por
solicitação do sr. deputado Padre Pedro
Baldissera, segundo-secretário desta Casa, e
aprovada por unanimidade pelos demais
parlamentares.

A Campanha da Fraternidade deste ano tem como
tema Fraternidade: Igreja e Sociedade e como lema
Eu Vim para Servir.

Neste momento, teremos a interpretação do Hino
Nacional pelo coral da Assembleia Legislativa, sob
a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à interpretação do hino.)

Registramos a presença das seguintes autoridades:

Reverendo padre Vânio da Silva, reitor do Seminário Teológico Convívio Emaús;

Reverendo padre Maurício Costa, da Paróquia Nossa Senhora da Lapa, Ribeirão da Ilha, Florianópolis;

Reverendo padre Arnildo Longi Primon, representando dom Irineu Andreassa, bispo diocesano do município de Lages;

Reverendo padre Revelino Seidler, coordenador da Pastoral da Arquidiocese;

Reverendo padre José Luiz de Sousa, da Paróquia São João Evangelista de Biguaçu;

Reverendo padre Leandro Domingues Padilha, representando a Foronia de Camboriú;

Reverendo padre André Gonzaga, neste ato representando a Paróquia Senhor Bom Jesus, de Palhoça;

Senhora Leda Cassol Vendruscolo, coordenadora da Pastoral de Florianópolis;

Senhor Jacir Massi, superintendente federal de Agricultura em Santa Catarina;

Senhor Luiz Gustavo dos Anjos, capitão bombeiro militar, neste ato representando o senhor Onir Mocelin, comandante-geral dos Bombeiros Militares de Santa Catarina;

Senhora professora Jane Lúcia Pedro, diretora acadêmica do Colégio Catarinense;

Reverendíssimo frei Aladim Uber, da Paróquia Santo Antônio, Florianópolis;

Senhor Hipólito Vieira e senhora Geciara Vieira, representando o Movimento de Irmãos da Grande Florianópolis, Área 4;

Senhor Ivo de Souza, ministro da Eucaristia da Paróquia São Luiz Gonzaga, neste ato representando a Foronia de Brusque;

Senhor José Luiz Cesari, coordenador diocesano do Movimento de Curcillo de Crisandade;

Senhora Tânia Regina Zimmermann Meurer e senhor Pedro Paulo Meurer Júnior, casal coordenador do Apostolado da Oração;

Senhora Sueli da Silva, representando a Paróquia São Francisco de Assis, Aririú, Palhoça;

Senhora Maria Odete Schmitz e senhora Maria Domingos Lúcio, neste ato representando a Paróquia do Bairro Agrônômica, Florianópolis;

Senhora Maria Antônia Carioni Carsten, assistente social do Centro Educacional Marista Lúcia Mayvorne, Florianópolis;

Senhor João Augusto de Farias, coordenador do Setor Juventude da Arquidiocese;

Senhor jornalista Manoel Timóteo de Oliveira, diretor de Promoção e Eventos da Associação Catarinense de Imprensa, neste ato representando o senhor Ademir Arnon, presidente;

Senhor Ademir Freitas, secretário executivo do Regional Sul 4 da CNBB.

Dando continuidade, teremos a apresentação de um vídeo sobre a Campanha da Fraternidade 2015.

(Procede-se à exibição de vídeo.)

A seguir, convido para fazer uso da palavra o sr. deputado Padre Pedro Baldissera, na qualidade de autor do requerimento que ensejou a presente sessão.

O SR. DEPUTADO PADRE PEDRO BALDISSERA - Sr. presidente, deputado Gelson Merisio, e ao saudá-lo queremos agradecer a sua presença, como presidente desta Casa, e, acima de tudo, por ter acolhido o pedido, em nome do Parlamento catarinense, para que pudéssemos ensejar a sessão especial desta noite; excelentíssimo reverendíssimo dom Wilson Tadeu Jönck, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis; professor dr. Armando de Melo Lisboa, chefe do departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina; reverendo padre Vitor Feller, vigário-geral da Arquidiocese de Florianópolis e diretor da Faculdade Católica de Santa Catarina; padres; religiosas e religiosos; agentes de pastoral; lideranças das diferentes comunidades; estudantes; seminaristas; diáconos; senhores e senhoras aqui presentes.

É bom começarmos a Semana Santa exatamente dando destaque a um tema extraordinário e tão importante como esse proposto pela Igreja Brasileira, a CNBB, um tema vital no conjunto da nossa sociedade.

(Passa a ler.)

"A Campanha da Fraternidade deste ano recorda a vocação e missão de todo cristão e das comunidades de fé de atuar não somente na Igreja, mas agir objetivamente na sociedade de forma a servir.

O tema Fraternidade: Igreja e Sociedade e o lema Eu Vim para Servir (cf. Mc 10, 45) remetem-nos a um dos eventos mais marcantes da Igreja no século passado, que foi o Concílio Ecumênico Vaticano II.

A Campanha da Fraternidade 2015 também mostra o espírito do papado de Francisco, já que busca dialogar com os cristãos acerca da dimensão do serviço não somente na Igreja, mas em tudo que fazemos na família, no trabalho, nos estudos, enfim, em outras atividades dedicadas ao engajamento social.

E avançando nesta reflexão, acredito que essa Campanha coloca claramente os cristãos diante do desafio de servir para além da vida da Igreja e agir sobre a sociedade não somente evangelizando, não somente reproduzindo respeito à vida com uma palavra de fé, mas trabalhando objetivamente para reduzir desigualdades e abrir possibilidades de vida em todo e qualquer espaço social. Vamos fazer de nossas profissões, nossos estudos e nossas ações instrumentos de vida, de libertação e instrumentos de ética e dignidade.

Hoje, reunidos para mais uma sessão especial, como fazemos todos os anos aqui neste Parlamento, lembramos também da dimensão do servir da Igreja atuante na sociedade.

Por isso, propusemos a homenagem a algumas entidades e pessoas que dedicam as suas vidas ao servir, com dignidade e senso de justiça, com desprendimento, amor e muito carinho, e que fazem do trabalho evangelizador uma ferramenta em favor da fraternidade, justiça e igualdade, e o fazem pelo servir à sociedade.

Diante desta tarefa de servir, vejo como fundamental refazermos uma reflexão que a própria Igreja nos coloca, através da CNBB, que é a

seguinte: qual a função de servir deste local onde estamos, o Parlamento.

Os documentos da CNBB, nesta Campanha da Fraternidade, tratam, em diversos momentos, da necessidade de uma reforma política profunda que faça com que os espaços políticos de debate e ação respeitem a sociedade, e o façam através do servir. Mais uma vez, como ocorreu com a lei da corrupção eleitoral, a Igreja reafirma o papel dos cristãos em lutar para que a política sirva aos interesses das pessoas, e sirva a vida e não esteja a serviço de uma minoria.

Então, esta é outra dimensão que julgo significativa nesta Campanha da Fraternidade: de um lado, a Igreja conclama os cristãos a servirem; de outro, chama-nos a lutar por justiça nos espaços institucionais e políticos onde a sociedade se organiza para servir. Como mais uma vez destaca o Papa Francisco: 'Como é a qualidade do nosso agir, do nosso viver, da nossa presença na cidade e no campo, do nosso serviço pelo bem comum, da nossa participação nas instituições públicas e eclesiais'? É agir para servir em nossas vidas, e lutar para que os espaços públicos também atuem no sentido de servir.

Neste espaço, no Parlamento, em que as pessoas escolhidas como representantes da população se reúnem, a palavra 'servir' ganha um sentido muito especial. É preciso que todos nós, agentes que recebemos a confiança de milhares de pessoas, compreendamos o papel fundamental, que é efetivamente servir a todos os cidadãos e cidadãs.

Eu reconheço aqui uma responsabilidade muito grande, porque estando aqui neste espaço temos também meios de intervir para servir ao próximo. Esta tribuna, por exemplo, é um espaço de intervenção. O nosso voto e a nossa ação em projetos e decisões influenciam diretamente a vida de milhares de catarinenses.

Não pretendo aqui mudar uma realidade de exclusão construída há séculos por um sistema que privilegia poucos e sonega a vida a muitos. Mas devemos nos perguntar, num sentido de reflexão, se realmente as ações da classe política servem à

sociedade de forma a colaborar para que mais e mais homens e mulheres possam sentir-se sujeitos de suas vidas e também eles agirem para servir.

E aqui entra a importância da luta convocada pela CNBB, e por diversos movimentos e entidades, para que se concretize uma verdadeira reforma política. Somente uma profunda mudança que elimine o paternalismo e a influência do poder econômico pode garantir uma política que sirva à vida e às pessoas.

Espero que nesta Campanha da Fraternidade 2015 nós, cristãos, atuemos, cada um de nós, no sentido de servir ao próximo, e também lutemos, todos e todas, para que os espaços políticos sirvam às pessoas.”

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Gelson Merisio) - É tradição desta Casa que o deputado proponente presida a sessão especial. No entanto, fiz questão de estar presente na sua abertura também para prestar uma homenagem ao deputado Padre Pedro Baldissera, que faz nesta Casa um belíssimo trabalho como parlamentar, como homem de Deus e, acima de tudo, como cidadão catarinense.

Por isso, na pessoa do deputado Padre Pedro Baldissera e, especialmente, de dom Wilson Tadeu Jönck, que é o nosso Arcebispo Metropolitano, quero, primeiro, agradecer a oportunidade que tive de participar com vocês da procissão Nosso Senhor dos Passos, que foi algo belíssimo no último domingo, e também de participar deste belo início de sessão, com a presença de tantas pessoas ilustres, dos padres, das pessoas que servem algo que é extremamente importante para a sociedade, que é a nossa fé em Cristo, a nossa fé que nos permite seguir adiante.

Assim, quero, em nome desta Casa, agradecer a todos pela presença e ratificar que todos aqui têm um grande representante não apenas da sociedade organizada, mas também da Igreja, porque é um padre que está aqui. E foi muito bem colocado que

a cada momento temos a oportunidade de cumprir a nossa missão.

E o próprio lema da Campanha da Fraternidade, Eu Vim para Servir, vem ao encontro da nossa missão, que é a de servidor público. Nós, como deputados estaduais, como agentes públicos, temos uma missão de servir às pessoas, procurando sempre ser justos e, acima de tudo, atentos especialmente àquelas que mais precisam.

Por isso, parabéns ao nosso Arcebispo, que representa toda a Igreja, e, especialmente, ao deputado Padre Pedro Baldissera, a quem passo a Presidência para que conclua esta sessão e faça as homenagens que a Casa estende a todos aqueles que a merecem.

Muito obrigado!

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Em tempo, novamente quero fazer aqui o meu agradecimento ao deputado presidente Gelson Merisio, pela sua presença e por toda a atenção e dedicação carinhosa com que desempenha as suas ações e atividades dentro deste Parlamento.

Gostaria também de registrar a presença do padre David Antônio Coelho, pároco e cura da Catedral Metropolitana de Florianópolis; e do padre professor dr. Willian Barbosa Vianna, membro do Conselho Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina.

Dando continuidade à sessão especial, convido a mestre-de-cerimônias, Nicoli Madeira, para proceder à nominata dos homenageados desta noite.

A SRA. MESTRE-DE-CERIMÔNIAS (Nicoli Madeira) - Senhoras e senhores, boa-noite!

A Igreja propõe como tema da Campanha deste ano Fraternidade: Igreja e Sociedade e como lema Eu Vim para Servir. O objetivo da Campanha é chamar a atenção da sociedade para a importância de se criar um mundo mais solidário e fraterno.

Convido o sr. deputado Padre Pedro Baldissera, acompanhado do arcebispo dom Wilson Tadeu Jönck, para fazer a entrega das homenagens.

Convido para receber a homenagem o sr. Uilian Dalpiaz, neste ato representando a Comissão de Pastoral da Terra.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Neste momento, convido para receber a homenagem a sra. Marilda de Souza Velho, neste ato representando a Pastoral da Saúde.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem a sra. Márcia Jaqueline da Silva Negherobon, neste ato representando a Pastoral da Criança.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A seguir, convido para receber a homenagem a sra. Olvaldina Zucco Webber, neste ato representando a Pastoral da Pessoa Idosa.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Nei Brasil Pereira, neste ato representando a Pastoral Carcerária.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Neste momento, convido para receber a homenagem o casal Valério e Arlete da Costa, neste ato representando a Pastoral da Sobriedade.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Joaquim Roque Fillipin, neste ato representando a Pastoral dos Migrantes.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A seguir, convido para receber a homenagem o sr. Jackson Santana, neste ato representando o Conselho Indigenista Missionário.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Roque Ademir Favarin, neste ato representando a Cáritas Brasileira Regional Santa Catarina.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Neste momento, convido para receber a homenagem a sra. Maria Antônia Carioni Karsten, neste ato representando os Irmãos Maristas.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

A seguir, o Poder Legislativo catarinense presta uma homenagem a personalidades que muito contribuem com o seu trabalho evangelizador, na busca por uma sociedade fraterna, justa e igualitária.

Convido para receber a homenagem o padre Pedro José Koehler.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Convido para receber a homenagem o padre Pedro Adolino Martendal, neste ato representando pelo padre Vitor Galdino Feller.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Palmas)

Agradeço ao sr. deputado e ao reverendíssimo arcebispo.

Dando continuidade à solenidade, teremos a encenação da simbologia do tema da Campanha da Fraternidade 2015: Eu Vim para Servir.

Convido a sra. Adelir Raupp para conduzir a encenação.

(Procede-se à encenação da simbologia.)

(Palmas)

A seguir, teremos a interpretação do Hino Oficial da Campanha da Fraternidade 2015, interpretado pelo coral da Alesc.

Muito obrigada a todos!

Boa-noite!

(Procede-se à interpretação do hino.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Convido para fazer uso da palavra o professor dr. Armando de Melo Lisboa, chefe do departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina.

O DR. ARMANDO DE MELO LISBOA - Saúdo o deputado Padre Pedro Baldissera, proponente desta sessão e os caros amigos.

(Passa a ler.)

“O século XXI se revela cada vez mais preocupante, confirmando prognósticos pessimistas outrora feitos.

No plano internacional, o ódio e o extremismo cada vez mais protagonizam e dominam a agenda política. Os absurdos conflitos advindos das políticas sionistas de Israel foram amplificados com a destruição da civilização milenar assentada no Iraque. Como recordam, a partir de 11 de setembro de 2001 uma coalizão ocidental ocupou esse país, liderada pelos EUA, o qual forjou provas de que o Iraque possuía armas de destruição massiva.

Este episódio foi a pá de cal no descrédito dos valores ocidentais, alimentando o fanatismo em toda região, com consequências globais.

Não por acaso, dessa região advém o Cristianismo, o qual também é parte do explosivo cardápio em que se misturam religião e política na qual estamos afundando.

Aqui no Brasil, os nossos problemas, que não eram pequenos, também se avolumam, em que pesem nossas virtudes como povo e recentes acertos e avanços.

A falência ética nacional reflete a nossa abissal desigualdade que se reproduz indecentemente há séculos. Os escândalos se sucedem em avalanches cada vez maiores: Mensalão, Petrolão, e agora a operação Zelotes, na qual a Polícia Federal acaba de denunciar que a fraude junto ao Conselho Administrativo de Recursos Fiscais pode chegar a R\$ 19 bilhões. Estimam que esses sejam apenas a ponta visível do iceberg. Lembro que fui, há aproximadamente 20 anos, membro do Conselho Estadual do Meio Ambiente, representando a UFSC, e a pauta de nossas reuniões então eram dominadas pelos recursos das empresas contra multas recebidas por crimes ambientais.

A nossa sociedade sofre ainda com uma gigantista, feroz e gratuita violência, em proporções maiores que qualquer guerra já ocorrida na história, com exceção das duas guerras mundiais. Todos os anos 100 mil pessoas morrem violentamente, sendo 50% destas em nossas

estradas, nos acidentes de trânsito, numa inadmissível carnificina. A grande maioria dessas mortes é de jovens, especialmente negros e pobres.

Mas a violência maior é que já consideramos a violência um fato normal, não a percebemos com horror nem nos emocionamos com a mesma, a não ser quando ela chega próxima a nós.

Todavia, essa violência é geradora de medo, o qual corrói e impede a solidariedade natural para com o sofrimento do outro. Temos medo de acolher o caído. Esse medo nos isola e leva a tornarmo-nos indiferentes àqueles que não são do nosso círculo pessoal, ao estranho, e até mesmo com os vizinhos, dificultando a imprescindível fraternidade da vida, pois não há felicidade sem o outro, uma vez que somos incompletos.

A recente crise de escassez de água no sudeste brasileiro, mais que escancarar os pés de barro do nosso modelo econômico e a insustentabilidade de nossas megalópoles de concreto, desnuda os limites de uma civilização que não percebe que nenhum rio é apenas um recurso a ser explorado, ou mero curso d'água sujeito a determinados regimes hidrológicos, mas é uma rede de entidades vivas, configurando um organismo que nasce, respira e vive de trocas com a vizinhança, e que se relaciona com os moradores do seu entorno, ganhando histórias, lendas, canções e identidade própria, como nos mostra a música *O rio de Piracicaba*.

A recente chegada dos mais pobres ao mundo do consumo, nos *shoppings* e aeroportos, e nas universidades e outras instituições com a política de cotas, fizeram vir à tona, infelizmente, sinais de racismo e ressentimentos assustadores que crescem entre nós.

Diante de tamanha violência e preconceito, novos muros segregacionistas se levantam por toda a parte, e nós nos tornamos cada vez mais intolerantes no Brasil. Exemplifico apenas com os projetos de lei na Câmara Federal, que querem homofobicamente restringir o conceito de família ao núcleo formado pela união de um homem com uma mulher, ameaçando os direitos da comunidade dos

gays, lésbicas e transexuais, bem como a adoção de crianças por casais homossexuais.

Historicamente organizado para espremer as pessoas - o Brasil, segundo Darcy Ribeiro, é uma máquina de gastar gente -, o Brasil, infelizmente, nunca superou a colonialidade nas relações sociais, a qual brutaliza, coisifica e inferioriza as multidões pela cor de sua pele, origem social, condição de gênero ou opção sexual.

Neste quadro, a crise que adentramos é preocupante, especialmente quando aqueles batalhadores empobrecidos que há pouco emergiram tiverem de deixar para trás a sua casa própria recém-adquirida, o seu trabalho e renda que enfim conquistaram, e não conseguirem mais se manter na universidade ou mesmo o seu filho na escola.

Os tempos muito difíceis que o Brasil pode ingressar refletem também dificuldades maiores de uma civilização cada vez mais assentada na individualização e na busca do interesse próprio, na qual é mais fácil descartar o outro do que reparar os fios esgarçados dos relacionamentos. Partilhamos de valores que tornam todos nós descartáveis.

O desastre recente do A320 da Germanwings acende, mais uma vez, o sinal de alerta. Por que nos assustamos tanto com a inédita atitude do jovem co-piloto? Porque ele é parte de uma geração hiperconectada, porque somos uma sociedade hipertecnologizada, em que todos nós estamos inseridos em múltiplas redes tecnológicas e sociais.

O macabro ato do co-piloto alemão denuncia a presença da pulsão da morte, da autosabotagem, a fragilidade da vida e a superficialidade das relações e a urgência de proporcionar aos jovens - e aqui abro aspas porque vou citar o documento da Campanha da Fraternidade deste ano - "conexões pessoais duradouras e resistentes às crises" - e isto está na página 32, Documento CNBB n. 91. Não por acaso o suicídio cresce e em breve será a maior *causa mortis* no planeta.

Gandhi já advertiu que o que destrói o ser humano é política sem princípios, prazer sem

compromisso, riqueza sem trabalho, sabedoria sem caráter, negócios sem moral, ciência sem humanidade, oração sem caridade.

Neste mundo carente de laços e valores éticos desponta a importância e a grandeza da Campanha da Fraternidade.

A CNBB, conjuntamente com outras Igrejas cristãs, tem sido uma importante protagonista de lutas e conquistas fundamentais em nosso país, como, por exemplo, no movimento ética na política, gerando a Lei da Ficha Limpa e, anos atrás, por ocasião do processo Constituinte, a criação da iniciativa popular que levou a uma lei que permite a participação popular na elaboração de leis.

Mas há que continuarmos os avanços institucionais, pois muito ainda resta para resolver, como acabamos de expor.

Este não é o momento para fazer a crítica do documento base da Campanha da Fraternidade deste ano, o que, aliás, já fizemos em seminário próprio ocorrido em novembro passado no seio da Regional Sul IV da CNBB. Cabe, sim, afirmar que na Campanha deste ano, além de fazer jus a toda nobre história de 50 anos da Campanha da Fraternidade, ressoa a magnífica presença do Papa Francisco - conforme se pode ver no cartaz e no material de divulgação dessa Campanha -, o qual, ao protagonizar uma verdadeira reforma espiritual no catolicismo romano, desmontando a última corte aristocrática europeia (leia-se Vaticano), demonstra que o cristianismo ainda é uma luz imprescindível para a difícil travessia em que a humanidade se encontra.

O atual Papa Francisco torna nítido o vital e imprescindível valor da Igreja no mundo contemporâneo, como fonte de esperança num mundo melhor, numa humanidade renovada, desde que ela deixe de querer ser um implacável tribunal - e aqui eu me inspiro novamente no Papa Francisco - e seja fiel aos seus princípios e origem postos pelo Mestre nascido humildemente em Belém."

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Dando continuidade às manifestações, neste momento convido para fazer uso da palavra sua excelência reverendíssima, dom Wilson Tadeu Jönck, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis.

O SR. DOM WILSON TADEU JÖNCK - Caro deputado Padre Pedro Baldissera, presidente, em seu nome quero saudar os demais participantes da mesa.

Gostaria de saudar todos os presentes e dizer da minha grande alegria com a presença de todos. Fico muito contente com o esforço que aqueles que vieram de longe fizeram para estar aqui neste momento, que é um momento nosso, de Igreja, mas é um momento da sociedade de Santa Catarina também.

Os oradores que me precederam já tocaram em muitos assuntos da Campanha da Fraternidade, discorreram sobre a importância do papel da Igreja e também fizeram uma análise da realidade.

Gostaria de dar um enfoque maior ao aspecto histórico do desenvolvimento do cristianismo, o seu relacionamento com a sociedade e com essa parte da sociedade, que são os seus dirigentes, o estado de um modo geral.

A Campanha da Fraternidade nos diz que fazemos parte da sociedade, estamos dentro de uma sociedade e devemos atuar nela. E também nós, cristãos, temos uma convicção de que se nós vivermos o Evangelho como devemos viver, tornaremos a sociedade melhor. E este é o nosso papel: fazê-lo com palavras, mas, sobretudo, com testemunhos, com ações bem decididas.

Se olharmos o relacionamento do cristianismo com a sociedade, veremos que ele sempre foi um pouco tenso. E começa já no Evangelho. Um dia perguntaram para Jesus se era lícito pagar imposto. Há pergunta mais espinhosa que esta? E Jesus nos encaminha como devemos proceder: "Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". Isso significa que nós, cristãos, temos um compromisso com o estado e a sociedade. Não podemos nos furtar disso, mesmo que a pergunta fosse exatamente uma força que ocupava as terras de Israel - era o Império Romano.

Logo depois, o cristianismo nasce e desenvolve-se inicialmente dentro do Império Romano. Os primeiros tempos foram de perseguição feroz. Houve muitas mortes e martírios, que conhecemos muito bem.

No ano 313 há um edito de tolerância. O cristianismo, então, é tolerado dentro do Império Romano para uns 50 anos depois ser colocado como religião oficial do Império Romano.

Dentro disso, há um crescimento muito grande, mas logo depois começam a vir os problemas dentro da própria Igreja: um certo relaxamento, um certo comodismo e uma certa aliança entre o poder religioso e o poder civil.

Nesse aspecto, temos aquilo que chamamos de cristandade, que se vai desenvolver pela Idade Média. Tanto a vida pessoal quanto a das instituições têm um fundamento cristão. E o cristianismo praticamente fundamenta todas as atividades dentro da sociedade ocidental.

E lá houve também grandes dificuldades. Pulando um pouco, no ano mil quinhentos e pouco temos uma divisão dentro da própria Igreja. É a questão da reforma protestante em que a relação com o estado estabelecido começa a mudar. E para resolver isso muitos seguiram o princípio de que o povo devia seguir a religião do rei, e isso deu muita confusão e algumas guerras.

Se saltarmos um pouco para aquilo que nos interessa mais perto de nós, veremos como era o relacionamento da Igreja dentro do reino de Portugal. E lá temos outra figura, que é a do padroado, isto é, em matérias da Igreja o rei tinha a última palavra. Era ele que aprovava a nomeação dos bispos, criava as paróquias e assim por diante. Ele criou paróquias até na ilha de Florianópolis. As freguesias, as paróquias mais antigas, ainda são do tempo do império. Com relação a essas coisas, se havia uma proteção por parte do rei, isso se refletia no tipo de cristianismo e também na incidência sobre a sociedade.

Quando aconteceu a nossa independência, esse mesmo sistema continuou, o sistema do padroado. E

nós tivemos, no final do Império, dom Pedro II, uma figura geralmente muito bem falada, mas o seu relacionamento com a Igreja foi difícil em algumas coisas, houve a chamada questão religiosa logo depois da Guerra do Paraguai, em que até alguns bispos foram presos. Por quê? Porque o Papa tinha editado uma encíclica e eles seguiram o que dizia o Papa e isso divergia um pouco do que dizia o rei.

Dentro desse quadro, temos a participação da Igreja e o desenvolvimento dela em nosso tempo e também em nossa terra.

A separação da Igreja e do estado vai acontecer já na República, em 1891, com a primeira Constituição Republicana. Poder-se-ia dizer que isso foi um baque para a Igreja, mas aconteceu o contrário: permitiu que houvesse um desenvolvimento muito grande dentro da própria Igreja em termos de organização e de criação de Dioceses, que tudo estava represado por conta da política do imperador. A partir daí começa-se a estabelecer a Igreja como nós a vemos no momento atual.

Se olharmos, veremos que no período republicano temos uma série de ações: vão surgindo muitas cidades; uma formação da classe média, que era muito pequena; há o período de ditadura; duas guerras mundiais; começa o período da industrialização; muitos movimentos ideológicos começam a aparecer, e cito aqui o socialismo, o comunismo e depois também o positivismo.

Dentro desse aspecto, a Igreja sempre teve que se posicionar. Eram forças que moviam a sociedade brasileira e algumas dessas forças eram bem contrárias àquilo que a doutrina cristã ensinava. É a sociedade como ela se apresenta.

Até 1964, podemos destacar algumas ações que têm uma forte incidência na sociedade como Igreja instituída. Em 1952, como já foi falado, surgiu a CNBB. Na primeira metade do século XX foi muito forte a ação católica. Era o modo de a Igreja agir e evangelizar, e que criou muitos grupos e lideranças, inclusive muitas lideranças políticas. Muitos dos nossos políticos dessa época

participavam da Juventude Católica, da Juventude Operária e de outros grupos nascidos dessa ação católica.

No nordeste, sobretudo, houve o Movimento de Educação de Base. Esse movimento está acabando agora, mas foi o movimento de Igreja de alfabetização. São milhões de pessoas que foram alfabetizadas e escolarizadas exatamente a partir da ação da Igreja e também da rede que a própria Igreja fornecia.

Os bispos do nordeste pensaram a Sudene, que era a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste e que depois os políticos adotaram e virou uma instituição que ajudou muitos estados do nordeste.

Depois de 1964, tivemos a atuação durante a ditadura militar, e houve algumas coisas desse tempo, e que já é um pouco o nosso tempo: a aceleração da industrialização, em que o Brasil se desenvolveu muito; os movimentos contra a cultura. Somente para lembrar, daí surgiu a minissaia e outras atitudes que eram uma espécie de afronta àquilo que era o pensamento e os valores da sociedade. Quem não se lembra dos Beatles, hippies, que foram algumas das expressões que houve da contracultura.

Dentro da Igreja foi criada a Campanha da Fraternidade, em 1964. Era o modo de a Igreja se fazer presente e convidar a refletir sempre sobre um tema importante dentro da sociedade brasileira.

Algumas coisas que foram criadas dentro da Igreja, a partir de 1964 - e lembro que aqui já aparecia a novidade do Concílio Vaticano II: criação da Comissão Pastoral da Terra, Comissão de Justiça e Paz, Conselho Indigenista Missionário, comunidades eclesiais de base, participação intensa nos movimentos de redemocratização - Constituinte, Diretas Já. A Igreja sempre esteve presente de alguma forma, fazendo com que essas manifestações pudessem ser dentro daquilo que é a nossa fé, a fé do povo brasileiro.

Gostaria ainda de colocar alguns desafios atuais, e que pedem a intervenção não somente da Igreja, mas da sociedade como tal, e a Igreja,

fazendo parte da sociedade, também deve se fazer presente. Cito, por exemplo, o baixo índice de natalidade e o aumento da população urbana. Há 50 anos eram 30 ou 40% e hoje 85% da população vivem na cidade, e isso é um impacto muito grande sobre a sociedade.

Também posso citar o aumento no número de idosos, e isso é algo bem atual. Há uma inversão da pirâmide populacional. Uma pirâmide que tinha idades mais baixas na base larga, de repente estreita a base e vai alargando em cima, e isso é um impacto social muito grande.

Cito ainda: urbanização com o inchaço das cidades; infraestrutura precária; favelização; transporte público insuficiente; problemas de mobilidade urbana; aumento da produção de lixo; violência; problema das drogas e do tráfico; a questão da energia elétrica e água; mortalidade infantil, que é uma questão de políticas públicas. Essas são realidades nossas.

Historicamente, a Igreja sempre esteve presente de uma maneira muito forte em dois setores: educação e saúde.

Há ainda hoje a situação criada pelos que tiveram uma ascensão social - e às vezes nós nos esquecemos disso. Há um novo nível de consumo, expandiram-se os planos de saúde e Previdência privada, aumentaram as viagens aéreas e no momento também o endividamento - e esta é uma realidade bem dos nossos dias.

Não se pode esquecer ainda das minorias: indígenas, quilombolas, pescadores, comunidades tradicionais, nômades, a situação dos migrantes - Florianópolis recebe uma boa dose de migrantes, padre Joaquim.

Terminando as ações da Igreja de um modo geral, temos as ações sociais das paróquias, que praticamente todas as paróquias têm as suas ações sociais.

Há um diálogo cooperativo em temas políticos, em vista do bem comum. Eu encaro que esta sessão é um modo de estabelecer esse diálogo.

Princípio da Subsidiariedade. Lá onde o estado não está, onde há uma carência, as instituições

devem estar, e a sociedade é feita assim. E devemos estar dispostos sempre a esse trabalho subsidiário.

A Igreja dispõe de um grande instrumento, que é a doutrina social da Igreja, e que pode ser compendiado por todos: os movimentos de fé e política, as semanas sociais, os fóruns sociais, a participação nos Conselhos Paritários. Cito isto para lembrar algumas das ações, algum modo de a Igreja estar presente na sociedade de hoje.

Gostaria de concluir com as palavras do Papa Francisco, ao menos o pensamento, se não são as suas palavras exatas. Ele diz que devemos combater a cultura da indiferença e do descartável, que caracteriza muito a sociedade de hoje. Devemos combater a corrupção - ele diz que fede, esta é a palavra que ele usa - e implantar a cultura do encontro.

Muito obrigado!

(Palmas)

(SEM REVISÃO DO ORADOR)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Padre Pedro Baldissera) - Feita a manifestação do arcebispo, dom Wilson Tadeu Jönck, eu gostaria, mais uma vez, de enaltecer a presença de todos e de dar o testemunho de que esta sessão especial em comemoração à Campanha da Fraternidade de 2015 tem uma presença maior que todas as outras que realizamos até o presente momento. Devem ser, se não me engano, 11 ou 12 sessões que tive a oportunidade de fazer o indicativo, e que é o tempo em que estou neste Parlamento.

Quero agradecer a mobilização que as nossas paróquias, os agentes de pastoral e todas as lideranças fizeram, na pessoa do arcebispo dom Wilson Tadeu Jönck. E contamos com vocês nos próximos anos, porque certamente traremos novamente isso presente, uma vez já se tornou algo corriqueiro na nossa atividade parlamentar darmos publicidade a esses temas estratégicos e importantes que a Igreja propõe ao debate a cada ano.

Então, hoje à noite em torno de 400 pessoas estão presentes nesta sessão. Agradeço a presença

de todos! Espero que o começo da Semana Santa de fato possa nos ajudar a despertar dentro do nosso coração, do nosso espírito e da nossa alma esse voltar-se ao servir. Desejo que cada vez mais possamos construir uma sociedade servidora, feita de fato de verdadeiros sacerdotes, que na sua tradução ela se coloca como serviço, algo especial como o próprio sacerdócio o faz no dia a dia da sua caminhada.

Espero que possamos, desta forma, também contribuir para que a relação Igreja e sociedade possa despertar cada vez mais o senso de Justiça, de igualdade, de comunhão e de fraternidade em todos os setores da nossa sociedade.

Obrigado pela presença de cada um e de cada uma. Quero agradecer, de coração, ao coral da Assembleia, que estava preocupado com relação à interpretação do Hino da Campanha da Fraternidade. Mas sabemos do talento e da capacidade que esse nosso coral possui, e posso dizer que fizeram uma bonita apresentação do hino. Parabéns e obrigado pela presença e participação de vocês!

Agradeço também à TVAL, que transmitiu diretamente a nossa sessão, assim como agradeço também à Rádio Alesc Digital, ao Cerimonial e aos funcionários desta Casa, que também nos ajudaram em toda sessão especial desta noite.

Logo após o término da sessão, será oferecido um pequeno coquetel a todos os participantes da sessão especial.

Antes do encerramento da sessão, teremos a interpretação do Hino de Santa Catarina, pelo coral da Assembleia Legislativa, sob a regência do maestro Reginaldo da Silva.

(Procede-se à interpretação do hino.)

Encerramos a presente sessão, convocando outra, ordinária, para amanhã, à hora regimental, com a seguinte Ordem do Dia: matérias em condições regimentais de serem apreciadas pelo Plenário.

Está encerrada a presente sessão.

